

O perfume

*Patrícia Baxter**

Introdução

O filme *Perfume – a história de um assassino* foi dirigido por Tom Tykwer, em 2006. É uma adaptação do magnífico livro de Patrick Süskind escrito em 1985 e traduzido para vários idiomas. Tanto o diretor do filme quanto o escritor são alemães, havendo assim uma continuidade cultural entre as duas obras. O filme reproduz, de forma engenhosa, a época (França, século XVIII), com técnica perfeita e direção de arte, figurino e maquiagem exemplares. O elenco é primoroso, destacando-se, a meu ver, a atuação de Ben Wishaw e Dustin Hoffman, que interpretaram o protagonista Jean-Baptiste Grenouille e o perfumista Baldini, respectivamente.

Trata-se da história de um personagem perturbador, que nasce com habilidades olfativas excepcionais e desenvolve a obsessão de criar a “fragrância perfeita”. Como mencionado, o protagonista nasce na França do século XVIII, uma monarquia absolutista, onde os padrões de higiene eram completamente distintos dos atuais. Como a água quente e limpa era produto de luxo, os banhos não eram algo simples, tampouco regulares. Assim, os cheiros corporais eram bastante intensos; era uma época de fortes odores. O filme mostra o contraste dos aromas. De um lado, logo no início, no mercado de peixes, o espectador consegue sentir o mau cheiro, através da fotografia da sujeira, do lixo, dos peixes pelo chão, das pessoas com aparência maltratada e malvestida, do ambiente insalubre... Em contrapartida, mais adiante, vemos a atmosfera das fragrâncias dos perfumes, onde a nobreza experimenta os lançamentos nas perfumarias parisienses.

* Psiquiatra e psicanalista. Membro associado da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ).

Como o livro é uma obra-prima e tem uma narrativa bem psicanalítica, eu trouxe para este trabalho algumas informações extras e citações que não estão no filme, com o intuito de ampliar o entendimento da dinâmica da narrativa e do protagonista. Fiquei particularmente impactada com os assassinatos das mulheres. Por que o protagonista precisava matar? Procurei pensar nos motivos do assassino com o auxílio da psicanálise, entendendo, logicamente, que se trata de uma obra de ficção.

Desenvolvimento

Trata-se da história de Jean-Baptiste Grenouille que se destacou, de forma ambivalente, no rol das figuras mais geniais e detestáveis, e dominou o reino dos perfumes.

Citando Patrick Süskind:

...as pessoas podiam fechar os olhos diante da grandeza, do assustador, da beleza, e podiam tapar os ouvidos diante da melodia ou de palavras sedutoras. Mas não podiam escapar ao aroma. Pois o aroma é um irmão da respiração – ele penetra nas pessoas, elas não podem escapar-lhe caso queiram viver. E bem para dentro delas é que vai o aroma, diretamente para o coração, distinguindo lá categoricamente entre atração e menosprezo, nojo e prazer, amor e ódio. Quem dominasse os odores dominaria o coração das pessoas (SÜSKIND, 2018, p. 5).

O protagonista nasceu no local mais fétido e repugnante de Paris, num mercado de peixes, que cheirava a uma mistura de frutas podres, lixo e cadáveres do cemitério situado nas proximidades. Sua mãe o pariu acorada debaixo da mesa de limpar peixes, ali mesmo onde trabalhava, e onde já tinha parido outros quatro filhos nascidos mortos ou semimortos. Ela cortou com a faca de peixes a COISA recém-nascida e a teria deixado morrer como os outros, caso ele não tivesse chorado, insistindo em viver. O primeiro som de Jean-Baptiste levou sua mãe à força e a ele ao orfanato.

Passou por várias instituições, reformatórios, e por diferentes cuidadoras pois os adultos não sentiam empatia por ele. Era um bebê voraz, faminto demais, e não “cheirava como as outras crianças”. Na verdade, ele não tinha cheiro algum. As pessoas sentiam-se perturbadas por ele. As crianças também percebiam que ele tinha algo diferente.

Tornou-se duro como uma bactéria resistente, e autossuficiente como um carrapato, precisando de um mínimo para apenas sobreviver. *“Quem como ele havia sobrevivido ao próprio nascimento no lixo não se deixava expulsar tão facilmente do mundo”* (SÜSKIND, 2018, p. 27).

O início de sua vida foi marcado por um nascimento traumático, pelo desamparo, pelo abandono, pelo desamor; por repetidas rupturas, por uma completa precariedade no ato de cuidar, cuidado absolutamente insuficiente. Desenvolveu-se nesse contexto árido e hostil, tendo demorado a andar, a falar e a receber um nome. Fechou-se cada vez mais e só falava o mínimo, quando necessário, relacionando-se com o mundo através dos cheiros, já que desde cedo apresentava um olfato apuradíssimo, um dom exclusivo dele. Era o carrapato Grenouille. *“Vivia encapsulado em si mesmo à espera de melhores tempos. Ao mundo não dava senão as suas fezes; nenhum sorriso, nenhum grito, nenhum brilho dos olhos, nem sequer um cheiro próprio”* (SÜSKIND, 2018, p. 29).

Winnicott postulou a importância decisiva dos estágios iniciais da vida no desenvolvimento individual. Afirmou que a presença de uma “mãe dedicada comum” é essencial para assegurar a necessidade vital dos bebês. Esta mãe representa alguém que facilita os estágios iniciais do desenvolvimento psicológico ou psicossomático da criança, entendendo que o psiquismo humano é totalmente dependente nesses primórdios. O bebê depende do suporte egoico, da proteção e da segurança proporcionados pela mãe. Para Winnicott um bebê não pode ser pensado sem a presença deste cuidador, que exerce a função de mãe, e sem um ambiente, criado por esta, onde o potencial da criança de crescer e amadurecer possa evoluir e desenvolver-se.

A “mãe suficientemente boa” é capaz de criar um ambiente facilitador para seu bebê assim como ela também é este ambiente. O ambiente suficientemente bom vai se adaptando, numa continuidade e numa constância, às necessidades da criança, que vão se modificando ao longo do tempo.

“De acordo com esta tese, uma provisão ambiental suficientemente boa na fase inicial possibilita ao bebê dar início a uma existência, a experimentar, a constituir um ego pessoal, a dominar as pulsões e a enfrentar as dificuldades inerentes à vida” (ABRAM, 2000, p. 186).

O ambiente tanto pode ser facilitador quanto danoso. O ambiente facilitador possibilita ao indivíduo a chance de crescer, frequentemente em direção à saúde. Por outro lado, o ambiente que falha, principalmente no início da vida, levará mais provavelmente à instabilidade e à doença. Quanto maior for o “desajuste” entre a mãe e o bebê, maior a distorção e interrupção no desenvolvi-

mento da criança. Winnicott enfatiza o papel da privação nos primórdios da vida, na formação da psicopatologia.

A falha na maternagem, a falta de empatia dos adultos desde que era bebê, fizeram com que Jean-Baptiste fosse deixado por conta própria, sem o oferecimento de um suporte egoico do cuidador. Não tendo recebido amor, Grenouille não teve condições para o desenvolvimento saudável de seu *self*.

No célebre texto do *Desenvolvimento emocional primitivo*, de 1945, Winnicott descreve três processos no desenvolvimento emocional inicial: a integração (relacionada com a organização interna), a personalização (localização do eu no próprio corpo) e a realização (apresentação do eu à realidade). Enquanto na saúde estes processos vão ocorrendo concomitantemente no início da existência, na vida de Jean-Baptiste ocorreram graves falhas nestes processos.

Grenouille, absolutamente desprovido de uma “mãe suficientemente boa” (ou substituta), vivenciou ambientes intrusivos e recebeu cuidados meramente mecânicos... No decorrer do tempo, durante o seu desenvolvimento, observamos que não houve a possibilidade de restauração dos traumas vivenciados no princípio de sua vida. Grenouille seguiu sendo repetidamente devastado pelas marcas danosas da privação, da violência, da imprevisibilidade, do desamor. Não houve constância, nem continuidade, levando-o à total falta de confiança na vida. No decorrer de sua infância e de sua adolescência, as falhas ambientais permaneceram extremas e duradouras, levando-o a angústias impensáveis. O estrago, a ferida, foram tão marcantes que não puderam ser remediados.

Qual a questão que o afligia? Podemos pensar na busca por algo que ele nunca teve: a devoção de sua mãe e do amor materno... Seguiu buscando este amor que faltou, na tentativa improfícua de restaurar a falta, tentando recuperar os enormes estragos da privação e do desamparo?

À medida que Grenouille tornou-se adulto, foi se aperfeiçoando em todos os tipos de aromas, seu objetivo era simplesmente possuir tudo o que o mundo tinha a oferecer em matéria de odores. A partir deste talento, foi buscar, obcecadamente, alguma razão para sua vida. Quando farejou sua primeira vítima, ficou fascinado com seu cheiro inebriante. No momento em que sugou todo o cheiro da moça, experimentou uma sensação de felicidade nunca vivida, era como se nascesse, de fato, pela primeira vez. A partir daí, tudo mudou para Jean-Baptiste: percebeu que sem a posse daquele aroma, sua vida não teria mais sentido. Precisava aprender a preservar os aromas, para nunca mais perder uma beleza tão sublime.

Grenouille foi trabalhar como perfumista, começou a aprender a arte dos perfumes com Baldini, o grande mestre da época, e produziu magníficos aro-

mas. Contudo, seu objetivo era aprender uma técnica mais aprimorada que a da destilação, visando conservar os odores. Baldini não dominava esta técnica, chamada: “*enfleurage*” e orientou Jean-Baptiste a procurar este aprendizado em Grasse. Por isso o protagonista iniciou sua caminhada em direção à capital francesa dos perfumes.

Neste trajeto, Grenouille caminhou por campos e montanhas e encontrou uma gruta. Lá sentiu algo “sagrado”, sem nada do mundo externo. Sentia que precisava escapar das pessoas, da “ameaça humana”. Durante sua permanência na gruta, experimentou a maior solidão possível. Por um tempo, ele se bastava e assim passaram-se sete anos! Até que ocorreu uma catástrofe. Não foi algo externo, mas uma catástrofe interior que se deu a partir de um sonho, onde Jean-Baptiste percebeu que não conseguia cheirar a si próprio. Sentiu um medo terrível de sufocar em si mesmo, de não saber ao certo sobre si. Era como se não existisse. Precisava saber se tinha ou não um cheiro. Ter um cheiro representava existir.

Seguindo a narrativa do filme e do livro, Grenouille saiu de seu período na gruta e continuou sua caminhada até chegar a Grasse. Lá iria mostrar que EXISTIA e que era alguém “excepcional”. Na capital do perfume, aprendeu a técnica para reter os aromas, no ateliê da sra. Arnulfi e começou a se dedicar, por conta própria, à produção de perfumes com cheiros humanos. Em suas experiências de perfumista, Jean-Baptiste foi criando aromas para diversas ocasiões. Se perfumava com eles conforme lhe convinha, (como se fosse a troca de diferentes roupas): para passar despercebido, para despertar a compaixão ou para tornar a sua presença mais marcante ou agressiva. No entanto, seu grande projeto era criar uma essência que provocasse o fascínio e o amor das pessoas, que o amariam até a loucura. Queria ser o “Deus onipotente do aroma”.

Grenouille passou, enfim, a dominar a técnica de “roubar o odor de alguém”. O que ambicionava era obter a fragrância de “certas pessoas”: daquelas que “inspiravam o amor”, que eram jovens cujo cheiro o atraía. Era atraído pelo cheiro da beleza, da juventude, quem sabe até procurasse pelo cheiro de sua mãe? Buscava o cheiro do amor. Essas eram as suas vítimas. Deveria, então, extrair a pele dessas jovens, eleitas por ele, para lhes extrair o aroma, e a partir daí criar seu próprio odor. Para isto teria que matá-las. Jean-Baptiste vivenciava a questão dos assassinatos de maneira indiferente, já que, em sua concepção, TINHA que se apropriar do cheiro das moças. Com isto, matou 25 jovens, as mais belas virgens da população local. A última delas, Laura, a mais bela do reino, representou o ápice da sua construção.

A vida do protagonista também foi marcada pelas mortes das pessoas com quem se relacionou, logo que se afastou delas: começando por sua mãe, depois a sra. Gaillard, em seguida o sr. Grimal, o perfumista Baldini e por fim Druot (executado em seu lugar).

Chegando ao fim do filme, Grenouille foi capturado, confessou os crimes, sendo julgado culpado e condenado à execução em praça pública. O povo, indignado com os crimes horrendos, clamava pelo assassino. Entretanto, no dia de sua execução, ao chegar ao local, aconteceu algo “parecido com um milagre”. As 10 mil pessoas que ali estavam, mudaram de opinião, passaram a achar que aquele homem não podia ser um assassino e sim um inocente. Todos passaram a ter um sentimento de amor por ele: O amaram! O veneraram! O adoraram! Aconteceu que Jean-Baptiste estava impregnado pelo perfume que o tornava amado, aquele perfume que ele procurou criar durante toda a sua vida. Todos os personagens do passeio público, inebriados pelo perfume, se amaram, numa cena cinematograficamente fenomenal.

Do ponto de vista de Jean-Baptiste, não aconteceu a mesma coisa. Ele não conseguiu gozar daquele momento um segundo sequer. Entendeu que não era capaz de amar e de ser amado! Patrick Süskind descreve:

o que ele sempre havia desejado, ou seja, que as pessoas o amassem, tornava-se no instante de seu êxito, insuportável, pois ele mesmo não as amava, ele as odiava. E soube, subitamente, que jamais encontraria satisfação no amor, mas tão somente no ódio, em odiar e ser odiado... queria ser considerado em sua verdadeira existência e receber de outra pessoa uma resposta ao seu único sentimento verdadeiro, o ódio (SÜSKIND, 2018, p. 263).

Finalizando

Mesmo obtendo o perfume capaz de escravizar o mundo, com o poder de comandar o amor da humanidade, Jean-Baptiste não poderia amar e ser amado como os outros. Não poderia sentir o amor que não recebera, por isso nada mais lhe importava. Grenouille desejou morrer.

O conceito Freudiano da Pulsão de morte faz sentido tanto em minha prática clínica quanto aqui, ao pensar em Jean-Baptiste.

Sabemos que, segundo Freud, na Conferência XXXII, as pulsões de vida e de morte encontram-se mescladas no processo da vida, em proporções variadas. Enquanto as manifestações da Pulsão de vida são numerosas e ruidosas,

promovendo ligações, as da Pulsão de morte são invisíveis e silenciosas e promovem desligamentos. A contrapartida da fusão pulsional é a desfusão, deixando a pulsão de morte livre.

Jean-Baptiste foi jogado fora, abandonado, não recebeu o amor constitutivo para sua existência. Na sua vida observam-se marcas da compulsão à repetição, da destrutividade, da agressividade.

Por fim, na última cena do filme, o componente erótico da pulsão de vida não tem mais força para “ligar” a totalidade da destrutividade e esta torna-se “livre”, como tendência à agressão e à destruição. A desfusão pulsional, ou seja, a separação das pulsões anteriormente combinadas, levou à liberação da pulsão de morte do jugo de Eros, manifestando-se como agressividade dirigida ao exterior, o ódio; e ao interior, a autodestruição.

Jean-Baptiste dirigiu-se ao local de sua origem, no mercado de peixes em Paris, aproximou-se de um grupo de pessoas e jogou sobre si o perfume do amor. Todos se lançaram sobre ele, todos queriam ter uma parte dele e caíram sobre Grenouille como animais vorazes.

Desta forma, Jean-Baptiste foi devorado pelos canibais, como na refeição totêmica, em *Totem e tabu* (FREUD, 1913/1969), que talvez seja, nas palavras deste autor, o mais antigo festival da humanidade, um ato memorável e criminoso, num movimento ambivalente de amor e ódio. E assim Grenouille desapareceu da face da terra.

Por fim, concluímos a intrigante história de Jean-Baptiste Grenouille, amado e detestado, o gênio e o monstro, num sublime entrelaçamento entre o amor e o ódio, entre a criatividade e a destrutividade.

Junho de 2023

Patrícia Baxter

drapatbaxter@hotmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

COUTINHO, F. O ambiente facilitador: a mãe suficientemente boa. In: POKAMENI, A. B.; GUIMARÃES, M. A. C. (Orgs.). *Winnicott: 100 anos de um analista criativo*. Rio de Janeiro: PUC, 1997. p. 97-104.

- FREUD, S. (1913). *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 21-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).
- _____. (1930). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 113-126. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).
- _____. (1933). *Conferência XXXII: Ansiedade e vida pulsional*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 85-112. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).
- GARCIA-ROZA, L. A. Pulsão. In: _____. *Introdução à metapsicologia freudiana 3*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 156-163.
- MEZAN, R. Sob o signo de Thânatos. In: _____. *Freud: a trama dos conceitos*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 251-268.
- QUINODOZ, J. M. *Ler Freud: Guia de leitura da obra de S. Freud*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. Pulsão. In: _____. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 628-632.
- SÛSKIND, P. *O perfume*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2018.
- WINNICOTT, D.W. Le développement affectif primaire. In: _____. *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot, 1969. p. 57-71.
- _____. Observação, intuição e empatia. In: _____. *Pensando crianças*. Porto Alegre: Artmed, 1997. p. 17-56.
- _____. Saúde e doença. In: _____. *Tudo começa em casa*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989. p. 17-70.
- _____. A construção da confiança. In: _____. *Conversando com os pais*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 139-152.
- _____. A mãe dedicada comum. In: _____. *Os bebês e suas mães*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 1-11.